



Corpos que resistem à finitude: envelhecimento transexual, exclusão e tecnologias da memória no século XXI

Bodies that Resist Finitude: Transgender Aging, Exclusion, and Memory Technologies in the 21st Century

Cuerpos que resisten la finitud: envejecimiento transexual, exclusión y tecnologías de la memoria en el siglo XXI

Elis Alves dos Santos¹

ID [0009-0004-2409-1573](#)

Resumo: Este artigo analisa os desafios enfrentados por pessoas trans idosas, destacando o envelhecimento como processo de exclusão social e simbólica. A partir da análise da websérie *LGBT+60: Corpos que Resistem*, discute-se como as mídias digitais atuam como tecnologias de memória e resistência. A pesquisa adota abordagem qualitativa e netnográfica, articulando reconhecimento e justiça social.

Palavras-chave: Envelhecimento. Transexualidade. Finitude. Reconhecimento. Tecnologias da Memória.

Abstract: This article analyzes the challenges faced by elderly trans people, highlighting aging as a process of social and symbolic exclusion. Based on the analysis of the web series *LGBT+60: Corpos que Resistem*, it discusses how digital media act as technologies of memory and resistance. The research adopts a qualitative and netnographic approach, articulating recognition and social justice.

Keywords: Aging. Transgender Identities. Finitude. Recognition. Memory Technologies.

Resumen: Este artículo analiza los desafíos que enfrentan las personas trans mayores, destacando el envejecimiento como un proceso de exclusión social y simbólica. A partir del análisis de la serie web *LGBT+60: Cuerpos que Resisten*, se analiza cómo los medios digitales actúan como tecnologías de memoria y resistencia. La investigación adopta un enfoque cualitativo y netnográfico, articulando el reconocimiento y la justicia social.

Palabras clave: Envejecimiento. Transexualidad. Finitud. Reconocimiento. Tecnologías de la Memoria.

¹ Mestra em Sociologia Política pela Universidade Cândido Mendes - UCAM. Professora de História no Ensino Médio em escolas da Rede Privada do Rio de Janeiro e docente EaD na Universidade Cândido Mendes - UCAM. Lattes: [8338900873623497](#) - E-mail: profelisalves@gmail.com.

Introdução

O envelhecimento, especialmente no contexto de pessoas transexuais, é um campo de estudo que ganha relevância diante da intensificação dos debates sobre dignidade, reconhecimento e justiça social. Entretanto, a velhice trans ainda é marcada por invisibilidade, exclusão institucional e uma finitude precoce – não apenas biológica, mas simbólica e social. Em um mundo que valoriza juventude, produtividade e conformidade de gênero, vivências trans na velhice são frequentemente apagadas das narrativas públicas, tornando-se sujeitos de uma morte antecipada, por meio do silêncio, da negligência e da marginalização.

Este artigo se insere nos debates contemporâneos sobre a finitude a partir de uma perspectiva interseccional e interdisciplinar, ao investigar as formas de resistência e visibilidade promovidas por pessoas transexuais idosas. A partir da análise da websérie *LGBT+60: Corpos que Resistem*, veiculada pelo canal #Colabora por meio da plataforma *YouTube* e posteriormente adquirida por plataformas de maior alcance, como a *GloboPlay*, propõe-se refletir sobre como as tecnologias digitais de comunicação funcionam como instrumentos de memória, reconhecimento e enfrentamento da exclusão. Longe de serem apenas dispositivos técnicos, essas mídias constituem arenas de disputa simbólica e política sobre quem pode ter voz, memória e futuro.

A finitude, como destaca Norbert Elias (2001), é cada vez mais escamoteada nas sociedades modernas. Ao mesmo tempo, o envelhecimento passa a ser deslocado do campo familiar e comunitário para o institucional e médico, como um processo de racionalização que distancia os sujeitos de suas próprias mortes. Elias mostra que a morte, antes ritualizada e coletiva, tornou-se um evento privado e silencioso, quase obsceno – algo de que não se deve falar. Quando se trata de pessoas transexuais, essa lógica se intensifica: a morte simbólica – isto é, o apagamento da existência pela falta de reconhecimento. Para a população trans, cuja expectativa de vida gira em torno de 35 anos segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA (2024), chegar à velhice já é, por si só, um ato de resistência.

A velhice, em sociedades modernas, foi sendo progressivamente desvalorizada. Retomando as considerações de Elias (2001), para o autor a morte deixou de ser um evento

coletivo e ritualizado para tornar-se um acontecimento privado e silenciado. Essa transformação também alterou os sentidos do envelhecimento, que passa a ser visto como decadência, e não como acúmulo de experiência.

Sigmund Freud (2011) – médico e psicanalista – ao desenvolver o conceito de *recalque*, nos ajuda a compreender a repulsa inconsciente que os jovens podem manifestar diante da velhice, como se fosse possível evitá-la ou dela escapar. O recalque opera como um mecanismo psíquico que exclui da consciência conteúdos considerados perturbadores e a finitude do corpo, especialmente quando ele é dissidente de normas de gênero e idade. É frequentemente um desses conteúdos evitados ou silenciados.

Partindo da articulação entre as teorias do reconhecimento social (Honneth, 2003) e da redistribuição (Fraser, 2001), além das contribuições de Guita Grin Debert (1999) e Miriam Goldenberg (2021) sobre os marcadores de gênero na velhice, esta investigação toma como objeto narrativas de pessoas trans com mais de 60 anos que compartilham suas histórias na série mencionada. A escolha desse material se deve ao seu potencial de produzir visibilidade e de mobilizar a memória coletiva, além de promover uma pedagogia da escuta e da empatia frente a experiências historicamente silenciadas.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, que combina elementos da história oral (Voldman, 2020), com foco na observação de interações digitais e nos modos como os vídeos circulam e produzem sentidos. A netnografia permite compreender como a presença de corpos dissidentes no ambiente digital amplia a possibilidade de ressignificação da finitude, ao passo que desafia os marcos tradicionais da velhice como decadência e apagamento. Além da netnografia, a pesquisa foi fundamentada em princípios da história oral (Voldman, 2020) e no uso de estudo de caso (Almeida, 2016), o que permitiu uma escuta atenta e ética às narrativas audiovisuais. A série *LGBT+60* tornou-se, assim, não apenas objeto, mas também meio de mediação entre sujeitos e suas memórias, demandando da pesquisadora posturas de cuidado, escuta e devolução simbólica. Para Bill Nichols (2010), a voz do documentário frequentemente assume uma postura oratória, na qual o cineasta busca posicionar-se diante de aspectos do mundo histórico e convencer o espectador sobre seus méritos. Esse tipo de discurso aborda questões de interpretação, valor e julgamento sobre a realidade, exigindo uma forma de fala que combina

razão e narrativa, evocação e poesia, com o objetivo de inspirar confiança e persuadir em temas controversos.

A escolha de dedicar esta investigação à velhice transexual está ligada tanto a experiências pessoais quanto a lacunas observadas na literatura acadêmica. A dificuldade em acessar entrevistados da população trans idosa revelou não só os limites institucionais da pesquisa, como também a resistência compreensível diante do histórico de objetificação dessa população em estudos científicos.

A presente reflexão emerge de uma pesquisa mais ampla desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro da Universidade Cândido Mendes (IUPERJ-UCAM), em que se buscou compreender os desafios e as possibilidades de uma vida digna para pessoas transexuais em processo de envelhecimento. Ao deslocar o olhar da finitude como destino biológico para a finitude como horizonte social, o artigo propõe que o envelhecer trans é, sobretudo, um processo de resistência diante de múltiplas formas de apagamento.

Finitude e reconhecimento: a velhice trans como fronteira da exclusão

A finitude, entendida para além do término biológico da vida, pode ser compreendida como um processo social contínuo de marginalização, silenciamento e destituição de reconhecimento. Para pessoas transexuais idosas, essa finitude simbólica se instaura muito antes da proximidade da morte, operando na forma de exclusão estrutural dos espaços de cuidado, da memória coletiva e das instituições de proteção. A velhice, nesse contexto, não representa apenas o envelhecer do corpo, mas o acúmulo de vulnerabilidades e a intensificação das desigualdades vividas ao longo de trajetórias marcadas por rejeição, violência e não pertencimento.

Em *Envelhecer e Morrer*, Elias (2001) apresenta uma cena por ele vivenciada; a qual, em termos de interpretação, fazemos analogia com o que Freud (2011) classificou de recalque, a ser notado na passagem:

Uma experiência de juventude assumiu certa significação para mim agora que sou mais velho. Assisti a uma conferência de um físico muito conhecido em Cambridge. Ele entrou devagar, arrastando os pés, um homem muito velho. Eu me surpreendi pensando: ‘Por que ele arrasta os pés assim? Por que não pode caminhar como um ser humano normal?’ Na hora, me corrigi: ‘Não pode evitar, é muito velho’ (Elias, 2001, p. 42).

Uma comparação possível de ser feita, a partir do fragmento citado, é a de que quando somos bebês, estamos ainda aprendendo a ter equilíbrio e domínio do próprio corpo, logo os primeiros passos acontecem em desalinho e caímos muitas vezes. O mesmo sucede no processo de envelhecimento, dito por muitos no senso comum por “o fim da vida”. Os passos ficam inseguros, o uso de andador se faz necessário ou até mesmo o apoio de uma bengala.

Os jovens, ao observarem o descompasso de um velho, assim como narrado na experiência de Norbert Elias, sentem certa repulsa e agem como se não fossem chegar a esta fase, ou seja, que não irão envelhecer. Eis o recalque freudiano inserido de forma inconsciente. Esta sensação de desprezo tida pelos mais jovens, na visão do autor, é compreensível e uma explicação seria que se trata de um tópico pouco abordado na sociedade e até mesmo na literatura. Uma espécie de desvio da norma social. Não há, portanto, um preparo para o envelhecer. “Não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado” (Elias, 2001, p. 42). Vivemos uma sociedade que cultua a juventude e a ilusão de que seremos eternos. Temos, portanto, grande dificuldade em lidar com a finitude da vida (Dillman & Nascimento, 2022, p. 207).

Dessa maneira, podemos perceber que Elias (2001) demonstra a fragilidade dos velhos e os medos deles de perder o controle de si mesmo, ao se depararem como dependentes. Fato que assinala, portanto, o comportamento retrógrado infantil de receber comida na boca e usar fraldas. Traço de perda de força e autonomia. Aos olhos de quem vê um passo próximo do fim.

A teoria do reconhecimento de Axel Honneth (2003) oferece importantes elementos para a compreensão dessa dinâmica. Segundo o autor, as relações sociais se organizam em torno de três esferas: o amor (relacionamentos afetivos), o direito (reconhecimento jurídico) e a solidariedade (valorização social). O não reconhecimento em qualquer uma dessas esferas gera sofrimento moral e impede a constituição de uma identidade social positiva. Para a população trans idosa, essas três instâncias frequentemente falham: há rupturas familiares, negligência legal e exclusão simbólica. Como exemplificado em minha pesquisa de mestrado - estudo amplo que abarca parte dos diálogos presentes neste artigo (Santos, 2025), muitos dos idosos transexuais entrevistados relataram o distanciamento de suas famílias, a ausência

de documentos retificados, o medo constante da violência, além de barreiras de acesso à saúde, trabalho e moradia digna.

As rupturas familiares que atravessam a vida de muitas pessoas trans idosas podem ser compreendidas à luz da estrutura conservadora da família brasileira. Segundo Mendes & Mori (2023), grande parte das configurações familiares no Brasil está centrada em um modelo patriarcal e religioso, que idealiza a família como um espaço de refúgio moral, dificultando sua adaptação às transformações contemporâneas. Essa configuração se torna um dos principais vetores de rejeição e silenciamento de expressões de gênero e sexualidade dissidentes.

Nancy Fraser (2001) amplia a análise ao propor a articulação entre redistribuição e reconhecimento como eixos centrais da justiça social. Para Fraser, a opressão ocorre tanto no nível econômico (desigualdade material) quanto no simbólico (invisibilidade ou desvalorização de identidades). A vida das pessoas transexuais idosas é atravessada por ambas as formas de injustiça: do ponto de vista da redistribuição, muitas enfrentam o desemprego crônico, a informalidade e a dependência de redes assistenciais frágeis; no campo do reconhecimento, carregam o peso do estigma, da patologização histórica de suas identidades e da constante negação do direito de envelhecer com dignidade. A ausência de políticas públicas específicas para essa população evidencia o despreparo das instituições diante das múltiplas camadas de opressão vividas por sujeitos trans em idade avançada.

Nesse contexto, é importante compreender que os processos subjetivos das pessoas dissidentes de gênero e sexualidade não se formam fora da lógica cisheteronormativa, mas dentro dela, sendo atravessados e moldados por discursos normativos que naturalizam o binarismo de gênero e a heterossexualidade. Como apontam Mendes & Mori (2023), a heterossexualidade atua como norma compulsória na sociedade contemporânea, tornando-se um ideal obrigatório que estrutura expectativas sociais. Essa estrutura opera em benefício daqueles que ocupam posições de privilégio — homens cisgêneros, brancos e de classes altas — e reforça a marginalização de corpos dissidentes, como os de pessoas LGBTQIA+, negras, indígenas e empobrecidas. Assim, a exclusão de pessoas trans idosas deve ser compreendida não apenas como um fenômeno individual, mas como parte de um sistema político-econômico que sustenta desigualdades e perpetua hierarquias sociais.

Apesar do avanço de marcos normativos como o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003) e a Política Nacional de Saúde Integral da População LGBT (Brasil, 2011), a realidade vivida por pessoas trans idosas no Brasil evidencia um abismo entre a lei e sua aplicação concreta. A ausência de políticas públicas específicas, a precariedade dos serviços e a formação deficitária de profissionais agravam o cenário de exclusão.

A invisibilidade da velhice trans e travesti é também produto da forma como o envelhecimento é socialmente construído. Essa edificação social do envelhecimento se sustenta em estereótipos normativos que impõem formas restritivas de existência às pessoas idosas, sobretudo quando seus corpos já se desviam das normas de gênero e sexualidade. Indivíduos idosos são frequentemente alvo de estereótipos prescritivos que limitam suas escolhas de vestuário, comportamento e modos de expressão. Aquilo que é valorizado como ousado ou criativo na juventude, como a questão estética, a liberdade corporal ou a afirmação de identidade, tende a ser ridicularizado na velhice. Trata-se de um processo de normatização que impõe à população idosa uma expectativa de recato, apagamento e conformidade, restringindo sua autonomia e silenciando sua potência criativa. Essa lógica é sustentada por uma estrutura de preconceito conhecida como *idadismo* — ou *etarismo* —, termos que designam formas de discriminação baseadas na idade, sobretudo contra pessoas idosas. Segundo o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, o idadismo compromete a saúde, a dignidade e os direitos dessa população, manifestando-se tanto em atitudes cotidianas quanto em práticas institucionais e culturais (Brasil, 2024).

Conforme apontam Debert (1999) e Goldenberg (2021), a velhice tem sido tradicionalmente associada à perda, à fragilidade e ao declínio. Para pessoas trans, essas imagens são agravadas pela cismodernidade, que regula os corpos e as identidades legítimas ao longo do tempo. Há uma expectativa social de que o sujeito trans permaneça jovem, belo, produtivo e sexualmente desejável — narrativas que se desfazem com o avanço da idade. Dessa forma, o envelhecimento do corpo trans pode ser vivido como uma dupla marginalização: por romper com os padrões de gênero e por ultrapassar os limites socialmente impostos da juventude trans “idealizada”.

As experiências de sexualidade e identidade de gênero na velhice permanecem tabu. Como demonstram Goldenberg (2021) e Debert (1999), espera-se que o velho seja assexuado, domesticado e conforme à norma. Quando esse corpo velho é também trans, ele

rompe múltiplas fronteiras do que se espera ser ‘natural’. A expectativa de que o sujeito trans permaneça eternamente jovem e sexualmente disponível aprofunda o estigma sobre a velhice transexual.

A pesquisa empírica realizada com base na série *LGBT+60: Corpos que Resistem* confirma esses atravessamentos. Os relatos colhidos evidenciam histórias marcadas por expulsão familiar, violência física e simbólica, dificuldades em acessar serviços básicos e ausência de reconhecimento institucional. Denise, por exemplo, uma mulher transexual negra de 73 anos, narra os anos vividos nas ruas, a solidão extrema e os riscos enfrentados cotidianamente. Seu Franco, homem trans de 67 anos, relata o silenciamento de sua identidade na velhice e as barreiras enfrentadas ao tentar acessar serviços de saúde e sua vontade de retomar os estudos. Martinha, por sua vez, aos 62 anos, afirma que seu maior medo é morrer sozinha e não ser reconhecida como ela mesma. Além destes relatos, destaca-se também a fala de Ana Carolina Apocalypse, mulher trans de 65 anos, que relata ter ‘renascido aos 60’. Sua história de reinvenção evidencia como a velhice pode ser espaço de construção identitária, rompendo com o mito de que o envelhecimento é apenas perda.

Essas narrativas mostram como a velhice trans é vivida em uma fronteira entre a exclusão e a resistência. Trata-se de uma velhice marcada por rupturas e recusas, mas também por invenções de si, formas de cuidado coletivo e desejo de permanecer. A finitude, nesse caso, é um horizonte que exige enfrentamento cotidiano, não apenas pela iminência da morte, mas pela constante negação do direito à existência plena no tempo presente.

É importante destacar que o acesso à saúde pública para pessoas trans idosas ainda é profundamente limitado, tanto pelo despreparo técnico de profissionais quanto pela violência institucional. Muitas pessoas evitam procurar unidades de saúde por medo da transfobia — entendida como uma forma de violência baseada na identidade de gênero (ANTRA, 2024) —, da deslegitimização de seus nomes e corpos, ou ainda do tratamento desrespeitoso. O envelhecer, nesse contexto, se torna uma jornada solitária, carregada de incertezas quanto ao cuidado e à própria sobrevivência.

A velhice transexual, portanto, não apenas desafia os estereótipos normativos sobre a velhice e o gênero, mas também revela os limites de uma sociedade que ainda se recusa a reconhecer plenamente essas vidas como dignas de serem lembradas, cuidadas e representadas. Como argumenta Birman (2015), é preciso reconhecer as múltiplas formas de

ser velho e os modos pelos quais os sujeitos elaboram sentidos para sua existência diante da finitude. No caso das pessoas trans, esse reconhecimento é uma urgência ética e política.

Memória, visibilidade e resistência: a série *LGBT+60*

As narrativas sobre a morte e o envelhecimento não se constroem apenas nos espaços clínicos ou familiares, mas também nas mídias e nas tecnologias da memória. A série documental *LGBT+60: Corpos que Resistem*, idealizada por Yuri Alves Fernandes, representa um dos raros projetos audiovisuais contemporâneos que oferece visibilidade às pessoas trans idosas no Brasil. Veiculada inicialmente no canal #Colabora do YouTube e posteriormente adquirida por plataformas de maior alcance, como *GloboPlay*, a série funciona como um arquivo de memórias dissidentes, desafiando o apagamento histórico e social a que estão submetidas essas vidas.

Em entrevista concedida à autora desta pesquisa em 29 de outubro de 2024, Yuri destacou a dificuldade inicial em localizar pessoas transexuais dispostas a compartilhar suas histórias diante das câmeras: “[...] nem todo mundo vai chegar ao #Colabora, mas na Globoplay, a chance de alcançar mais pessoas é maior”. A afirmação revela não apenas a importância das plataformas digitais como veículos de amplificação de vozes subalternizadas, mas também o quanto o medo do julgamento e da revitimização ainda impede que muitas dessas pessoas se reconheçam como sujeitos dignos de memória pública.

Ao se constituírem como tecnologias de visibilidade, os vídeos da série ressignificam a relação entre tempo, corpo e finitude. Ao contrário da tradição documental que exibe a velhice como declínio, fragilidade ou silêncio, *LGBT+60* projeta imagens de resistência, afeto e reinvenção. Os episódios apresentam sujeitos que se contam desde a infância até a maturidade, reconstruindo memórias e dando sentido à própria trajetória. Essa abordagem aproxima-se da história oral (Voldman, 2020), ao valorizar o relato em primeira pessoa e à escuta sensível das experiências narradas.

No episódio dedicado a Martinha, mulher trans e travesti baiana de 62 anos, por exemplo, o espectador é convidado a conhecer não apenas os marcadores da exclusão — a expulsão da escola, o abandono da família, o preconceito religioso —, mas também os laços que Martinha construiu ao longo da vida: o afeto por animais, a relação com vizinhos, o cuidado com a estética e a espiritualidade. “Sou travesti com orgulho, e sei que cheguei até

aqui porque sou guerreira”, afirma. Essa narrativa confronta diretamente o imaginário da velhice como isolamento ou desistência, sugerindo em seu lugar uma velhice que insiste em amar, criar, narrar-se.

Denise, mulher negra transexual de 73 anos, traz à tona memórias de infância, a vivência de prostituição compulsória na juventude e a marginalização na velhice. Ela relata que, por muitas décadas, evitava dizer sua idade com medo de se tornar “indesejável” até mesmo entre pares. Sua presença na série desafia o duplo estigma que recai sobre os corpos velhos e trans: o de serem invisíveis e o de estarem “fora do tempo”. Sua fala evoca a potência de resistir ao esquecimento social: “[...] envelhecer, para mim, foi uma conquista. Eu não era para estar aqui, mas estou”.

O episódio com Seu Franco, homem trans negro de 67 anos, explicita a violência institucional que acompanha os corpos trans masculinos idosos. Ele relata as dificuldades de ser respeitado em hospitais, as situações de constrangimento com o uso do nome social e a negligência diante de suas queixas de saúde. Ao narrar sua experiência, Franco afirma: “[...] o que eu mais queria era não ter que explicar quem eu sou cada vez que entro num consultório”. A dor pela falta de reconhecimento atravessa sua vivência como uma forma de finitude reiterada, um apagamento diário da própria identidade.

O potencial da série como tecnologia da memória é ampliado por sua circulação digital. Os comentários deixados pelos espectadores nos vídeos demonstram como esses relatos provocam identificação, empatia e transformação. Muitos escrevem: “nunca tinha parado para pensar nisso”, “me emocionei profundamente”, “minha avó é trans e nunca falou sobre isso”. Yuri Alves Fernandes menciona que, após o sucesso da série, diversas pessoas trans passaram a entrar em contato para também compartilhar suas histórias. A visibilidade, portanto, cria um ciclo de legitimação e pertencimento: ao ver alguém como você representado com respeito e escuta, o desejo de contar sua própria história se fortalece.

As plataformas digitais se tornam, cada vez mais, arenas onde se disputa o direito à memória, à visibilidade e ao futuro. A presença de pessoas trans idosas nesses espaços rompe o silêncio institucionalizado e cria uma pedagogia do afeto e da escuta. Como observa Birman (2015), narrar-se é também subjetivar-se: quando uma pessoa trans envelhecida conta sua história, ela não apenas preserva uma memória — ela a transforma em resistência viva.

Do ponto de vista metodológico, essa análise foi orientada pela netnografia (Kozinets, 2014), com observação das dinâmicas de recepção dos episódios, dos comentários e das interações nas redes sociais que reverberaram o conteúdo. A netnografia, ao transpor a etnografia para o ambiente digital, permite identificar como a presença *online* de corpos trans idosos não apenas combate o silenciamento, mas também ativa novas formas de narrar e de estar no mundo. Trata-se de um deslocamento simbólico: da velhice como fim ao envelhecimento como narrativa em disputa.

Nesse sentido, *LGBT+60* é mais que um registro: é uma ação política. Ela produz um espaço em que o tempo se expande para incluir os que dele foram expulsos. É o gesto de dizer: existimos, envelhecemos, resistimos. É também uma proposta ética de cuidado com a memória de sujeitos que, ao narrarem-se, também convocam os vivos a olharem para a morte – não como apagamento, mas como potência de vida.

Considerações Finais

Envelhecer sendo uma pessoa transexual no Brasil é enfrentar cotidianamente a finitude em sua dimensão mais ampla: não apenas a proximidade da morte biológica, mas o esvaziamento simbólico e a recusa social da existência. Este artigo buscou discutir essa finitude alargada como uma experiência profundamente marcada pelas desigualdades de gênero, classe, raça e sexualidade, articulando a exclusão social com os conceitos de reconhecimento, memória e resistência.

Ao analisar a série *LGBT+60: Corpos que Resistem*, pôde-se observar como as tecnologias de comunicação contemporâneas, em especial as mídias digitais, operam como dispositivos de memória e dignidade. Os relatos de Martinha, Denise Seu Franco evidenciam que, mesmo diante de trajetórias marcadas pela marginalização, esses sujeitos afirmam sua presença no mundo através da narrativa, do afeto e da escuta. Seus testemunhos interrompem o ciclo de apagamento e projetam novas possibilidades de existência.

As teorias de Nancy Fraser (2001) e Axel Honneth (2003) oferecem suporte à compreensão de que a justiça social passa, necessariamente, pela visibilização e valorização de identidades historicamente subalternizadas. Reconhecer a velhice trans não como uma anomalia ou exceção, mas como parte legítima do ciclo da vida humana, é um imperativo

ético. Trata-se de garantir que essas pessoas não morram duas vezes: uma pela biologia e outra pela indiferença.

A presença dessas narrativas no espaço público digital permite um enfrentamento simbólico da morte social, inscrevendo os corpos trans idosos em um tempo outro — um tempo que lhes foi negado e que agora é recuperado pela palavra, pela imagem e pela memória coletiva. Como apontou Norbert Elias (2001), a morte deixou de ser parte da vida na sociedade moderna. No entanto, ao narrarem suas experiências, esses sujeitos recusam o silêncio e reinscrevem suas vidas na história dos que não se calam diante da finitude.

A websérie *LGBT+60*, ao dar visibilidade a esses corpos e vozes, atua como um dispositivo de reversão do apagamento histórico e simbólico dessas existências. Ao narrar suas histórias, pessoas trans e travestis idosas deslocam o medo social da morte para um campo de resistência política e afirmação identitária. Como observa Bill Nichols (2010), os documentários não apenas informam, mas constroem realidades por meio de escolhas narrativas e estéticas. Possuem uma voz própria, capaz de defender causas, apresentar argumentos e expressar pontos de vista, buscando persuadir o espectador. A voz no documentário está relacionada ao estilo, mas vai além dele, sendo entendida como um “estilo com algo mais”. Enquanto na ficção o estilo expressa a forma visual dada à narrativa imaginária pelo diretor, no documentário ele reflete a perspectiva do diretor sobre o mundo real e seu envolvimento com o tema. Assim, a ficção traduz um mundo imaginado, ao passo que o documentário revela uma posição singular diante da realidade histórica. Um mesmo argumento pode ser transmitido de maneiras diferentes — o que reforça, neste artigo, a relevância de analisar os modos de representação mobilizados pela série *LGBT+60*.

Como afirma Birman (2015), a narrativa de si é uma estratégia de subjetivação e de enfrentamento da precariedade. Envelhecer, nesse sentido, é mais do que um processo biológico; é um ato político de enfrentamento da morte social. As falas de Martinha, Denise, Seu Franco e Ana Carolina Apocalypse não apenas denunciam a exclusão, mas também reconfiguram a relação entre velhice, morte e reconhecimento. Elas mostram que existir, narrar-se e ser visível são formas de insurgência contra a finitude imposta pela exclusão social.

Por fim, este estudo reforça a importância de políticas públicas interseccionais, práticas de cuidado que considerem especificidades de gênero e sexualidade na velhice e a

urgência de ampliar os espaços de escuta, visibilidade e valorização de corpos dissidentes. Envelhecer é, também, produzir sentido, mesmo quando a sociedade insiste em negar esse direito.

Referências

Almeida, Ronaldo de. Estudo de caso: foco temático e diversidade metodológica. In: SESC SÃO PAULO; CEBRAP (Orgs.). **Métodos de pesquisa em ciências sociais: bloco qualitativo**. São Paulo: Sesc São Paulo; Cebrap, 2016. p. 60–72.

ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Dossiê ANTRA 2024**. Brasília: ANTRA, 2024. Disponível em: <https://antrabrasil.org>. Acesso em: 11 out. 2025.

Birman, Joel. **Terceira idade, subjetivação e biopolítica**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, out.-dez. 2015, p. 1267-1282.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social. **SUAS sem Transfobia**: campanha de combate à transfobia no Sistema Único de Assistência Social. Brasília: MDS, [s.d.]. Disponível em: <https://www.mds.gov.br>. Acesso em: 23 jul. 2025.

Brasil. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Entenda como o idadismo se manifesta na sociedade e saiba como enfrentá-lo**. Brasília: MDHC, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh>. Acesso em: 23 jul. 2025.

Debert, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 1999.

Dillmann, Mauro Tavares & Nascimento, Mara Regina do (orgs.). **Guia didático e histórico de verbetes sobre morte e morrer**. Porto Alegre: Casaletras, 2022.

Elias, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Fraser, Nancy. **A justiça social na globalização**: redistribuição, reconhecimento e participação. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

Freud, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Trad. Cesar de Souza. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2011 [1930].

Goldenberg, Miriam. **Velho é o outro**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

Honneth, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.



Elis Alves dos Santos

Corpos que resistem à finitude: envelhecimento transexual, exclusão e tecnologias da memória no século XXI

Kozinets, Robert. **Netnografia:** realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

Mendes, Rodrigo Prata & Mori, Valéria Deusdará. A família nos processos subjetivos de pessoas LGBTQIA+. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem – TEL**, v. 14, n. 1, , p. 304-323, 2023.

Nichols, Bill. **Introdução ao documentário.** Trad. Mônica Saddy Martins. 5^a Ed. - Campinas: Papirus (Coleção Campo Imagético), 2010.

Santos, Elis Alves dos. **Entre o tempo e o corpo:** desafios e perspectivas da vida digna na intersecção entre envelhecimento e transexualidade. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2025.

Voldman, Danièle. **História oral:** a escuta sensível. São Paulo: Contexto, 2020.

Submetido em: 17 de junho de 2025

Avaliado em: 12 de julho de 2025

Aceito em: 15 de agosto de 2025